

ESPAÇO D'

OLGA KRELL & EDITORES



Personalidade e muitas idéias numa casa com
o seu jeito de morar

Técnicas construtivas dos índios e portugueses se misturam numa concepção de pura originalidade. Na estrutura, nada de alvenaria, só materiais da natureza: toras de madeira, cipó, piaçava, bambu e taquara.



Conexão entre a oca e o colonial

O ARQUITETO CLAUDIO BERNARDES ENCONTRA NAS ORIGENS DA ARQUITETURA BRASILEIRA OS PRINCIPAIS CONCEITOS QUE DESENHAM O PERFIL DESTA CASA EM ANGRA DOS REIS. LIVRE, DESCONTRAÍDA E ARTESANAL, COMO DEVE SER TODA A CRIAÇÃO PERSONALIZADA.



Texto: Cristina Teixeira Duarte
Fotos: Reto Guntli e Agi Simões



Plasticidade com texturas rústicas e cores vibrantes



Composições em fibras naturais envolvem o altíssimo pé-direito da sala, sobre a qual se debruçam os mezaninos que abrigam os quartos. Cores fortes tingem os estuques e proporcionam um visual de muita descontração e exuberância.

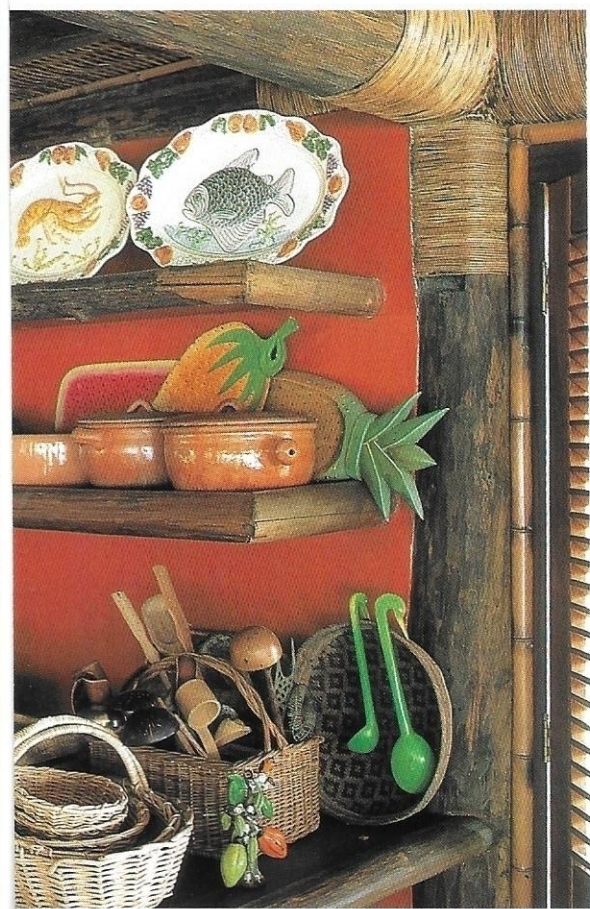
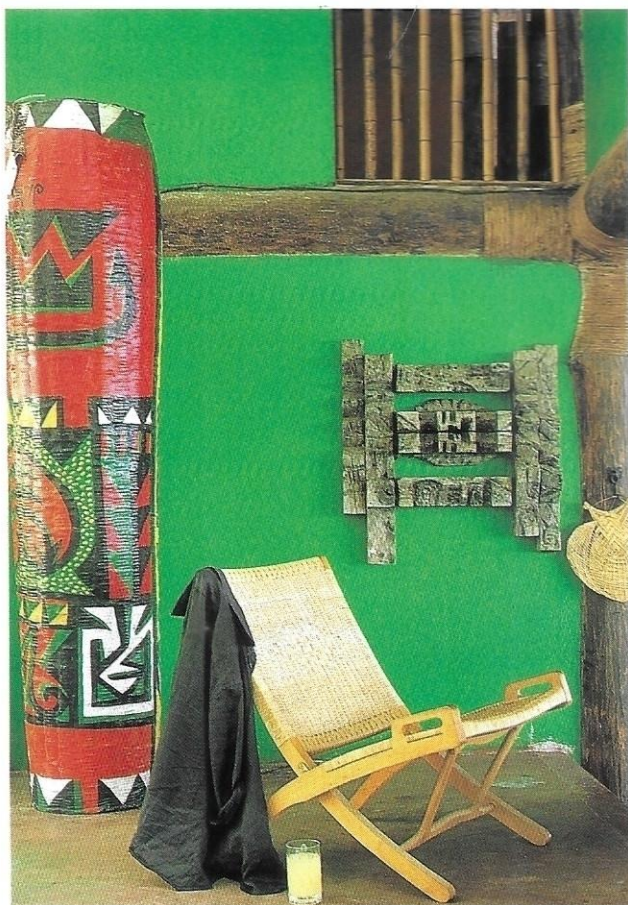
Mescla de tendências: homenagem às raízes brasileiras

Foram mais de dois anos de trabalho artesanal. O arquiteto e futuro morador Claudio Bernardes manteve nesse tempo uma rota permanente entre o Rio de Janeiro e Angra dos Reis, a cidade do litoral fluminense que escolheu para implantar sua casa de lazer. Uma espécie de oca, que também embute conceitos da arquitetura colonial e acaba se transformando num refúgio muito pessoal por sua singularidade. "Fiz essa casa bem devagar, com minhas mãos e a ajuda de artesãos talentosos. É um lugar mágico, sem portas ou fechaduras, só sossego e

Revestimentos texturizados marcam os ambientes, que têm em comum a integração entre os espaços. De grande efeito estético, essas texturas foram feitas pelas mãos habilidosas de artesãos, como os índios paraenses Jorge e Altair Potiguá.







Destaque para as antiguidades de valor afetivo e a sutileza do bom artesanato, da arte popular e, claro, do talento dos amigos. Caso das pinturas que aparecem nas vigas estruturais e nesta coluna, mostrada acima, do artista plástico Jorge dos Anjos.



descontração”, diz Bernardes, que ergueu a casa já há 15 anos.

De fato, cada recanto revela efeitos visuais e construtivos que surpreendem pelo inusitado. A começar pela estrutura, toda baseada em toras de madeira maciça, cipó, bambu, taquara, piaçava e pedras, dispensando tijolos, cimen-

tos e outros tipos de alvenaria. Só materiais em bruto da natureza e, confessa Bernardes, nada corretos ecologicamente. “Usei maçaranduba na estrutura, que era trazida no meu barco, o Viramundo. Mas isso já faz tempo. Se fosse hoje certamente usaria madeiras renováveis”.

Heranças de família e peças de valor afetivo

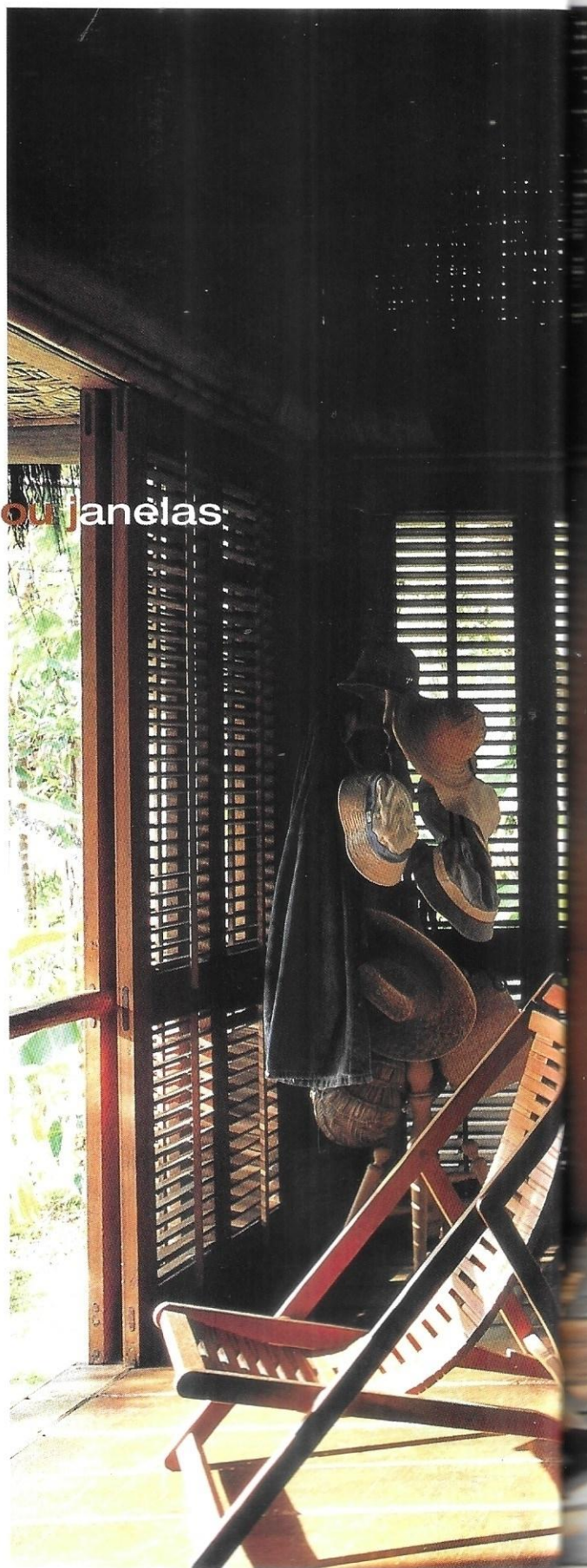




Aberturas livres, sem portas ou janelas

Como fazia questão de trabalhar pessoalmente os materiais e as concepções, o arquiteto dedicou todos os finais de semana para a obra, recrutando a ajuda de antigos colaboradores. Caso de Jorge e Altair, índios paraenses que dominam várias técnicas construtivas com materiais e fibras naturais. É que, além da beleza, as toras amarradas entre si funcionam como vigas de sustentação da casa, exigindo assim cuidados especiais na execução. "A amarração é real e mantém verdadeiramente a casa. O cipó é molhado na hora de ligar as toras; quando seca, encolhe e trava a madeira, dando firmeza à estrutura", explica. Coube aos artesãos ainda a realização de outros acabamentos de grande efeito estético e arquitetônico: a cobertura de piaçava trançada à maneira do sul da Bahia, os

A luz e a ventilação naturais entram pelas largas aberturas, que apenas em áreas estratégicas são vedadas pelas venezianas de Mauro Popi. No mais, não há portas nem janelas, o que mantém os ambientes agradáveis e a paisagem sempre perto.







Os móveis são na maioria peças de família e os estofados, um trabalho do tapeceiro paulista Fiori, o preferido do arquiteto. Repare no bom humor do manequim vestido e da luminária tipo enxame, também de Jorge dos Anjos.



bambus e taquaras de Minas em molduras, divisórias e guarda-corpos, além de taboas e fibras vegetais trabalhadas como esteiras para forrar o teto dos ambientes, paredes e outros detalhes.

Se as técnicas artesanais chamam atenção, mais ainda a concepção dos espaços, fonte de tan-

tas soluções criativas. Apesar da rusticidade, a proposta prevê uma amplitude imponente, que surge de um vazio central com nada mais, nada menos do que 8,5 m de altura e uma zenital no encontro das águas do telhado. Ela deixa entrar a luminosidade natural nos interiores, incluindo os dois mezaninos, na

Bom humor no convívio entre arte e artesanato

